

nota prévia de “danações” de nejar

ANTÔNIO HOUAISS

A literatura brasileira goza de maioridade há já algum tempo. Não se trata de voltar à discussão de quando deixou ela de ser mera expressão na América da própria literatura portuguesa — problema, é claro, que importa, mas noutro contexto que não é afim das considerações seguintes. Aqui, o que se quer afirmar é a mera evidência, extensiva, por sinal, a tôda a América Latina, mas com uma vantagem singular para o nosso caso específico, a política, já que os azares inerentes à história nos propiciaram sermos desde os fins do século XVIII uma nacionalidade e um Estado, em que os particularismos regionais ou locais, mesmo quando fomentados inerte ou deliberadamente, não assumiram feição separatista incontroversa: foram pontas de lança inovadoras que, malogradas no tempo, vingaram depois na composição geral do nosso quadro nacional.

Dentre outros traços relevantes de nossa maioridade literária há o da floração de uma notável quantidade de poetas que vêm assumindo impressionante variedade de posturas, de apreensões, de antenações vitais do poético: os poetas de há muito deixaram de fazer da poesia um prurido episódico de seu crescimento biológico dêles, poetas, ou uma esporádica manifestação de sua dêles vivência. Dão-nos, em verdade, pela primeira vez, colegiadamente, uma visão do mundo que é (embora virá a ser ainda mais) brasileira e, por isso mesmo, universal no que há de universal em cada sociedade nacional.

A mera presença, quantitativamente registrável, de um número crescente de pessoas que se dedicam, como postura essencial ou vocacional de

seu viver, à poesia não nos deve induzir a precipitados julgamentos de valor: é bem possível que o percentual de “poetas” em relação à população não seja crescente, se considerados os três últimos séculos e o incremento demográfico correspondente. Mas a mera continuidade desse percentual, se confirmada, seria a um tempo índice óbvio de aumento absoluto e um índice demonstrável de aprimoramento qualitativo. E este é o ponto. Ser poeta, entre nós, nos dias que correm, é repto cada vez mais vital. Cada vez mais se exige mais do poeta, e, isso não obstante, cada vez mais brotam em todos os quadrantes do Brasil (e do mundo) os que tentam trazer algo de novo como poesia. E algo de novo que é cada vez menos, mesmo que tentativamente, um mero devanear gratuito incompromissado com indagações básicas ou radicais (que é poesia?, como exprimi-la?, que recursos ousar?, até onde não abandonar uma das faces ontológicas?, como inovar?, que existe na tradição de não abjurável?, como formalizá-la sem conformá-la?). Pois que de fato um índice de imaturidade, superado ou em vias de sê-lo, era o planger público factício de corações em cio, que se calavam tão pronto encontravam caminhos ou recantos de acasalamento, dois dos quais eram conspicuamente: ou a dona dalgo relutante que mais caro que as outras dar queria o que deu para dar-se a natureza, ou o favor da notoriedade de campanário ou da *res publica*, graças aos quais os outros reais objetivos do *cursus honorum* seriam atingidos, um degrau mais na magistratura, ou na judicatura, ou na generalatura, ou na política-tura, ou na economicatura, ou na financiatura, *et on en passe*.

Essa exigência maior dos (aos, ante, contra, em favor) poetas é um fato social, cuja explicação não se saberia ou pelo menos não se tentaria fazer aqui. Mas é visível: ser poeta, nas condições do mundo moderno e nas condições não pobres do nosso subdesenvolvimento específico, é, na imensa maioria dos casos, um sacrifício permanente de interesses pessoais imediatos, por algo que é uma flechada lançada contra o azul (ou cinza) de um céu deserto que acaso cruze um pássaro flechável. O poeta é um mediador não apenas entre a vida vivida e vivitura, e a vida vivível e vivida da sociedade, senão que também e sobretudo mediador de si mesmo (de mim mesmo, de ti mesmo, se congeminamos). É que o seu poetar, se o (me, te) torna menos ilúcido para si (mim, ti) mesmo, menos dessituado no caos do presente e dos futuros, torna-o ser que se prorroga, adia, transfere, saciando-o de impossíveis e esfomeando-o de cotidiano. E, abstraídos o silêncio e a camoniana ufanía da milícia e da polícia, um dos mais doídos esfomeamentos que lhe traz o cotidiano é

a realidade, mercantil ou contábil ou computatòriamente programada das emprêsas de análise da viabilidade de aplicabilidade de capital e trabalho: ser poeta não é negócio, pois dá, nos casos máximos aleatórios de grande sucesso público, ou a parca fêria para um viver que apenas não é incondigno ou, por abjuração, a porta para outros negócios. Negócio por negócio, pois, é mais viável ir direto aos viáveis. Mas continua a haver poetas, e os grandes a serem-no enquanto vivem, sexagenários, septuagenários, octogenários em flor, flor justificadamente amarga ou ressentida, mas flor necessária cujos frutos de ouro (de outro ouro, de não-ouro) se colhem nos jardins das Hespéridas das nossas esperanças e utopias.

Mas a exigência social maior aos (dos, contra, ante) poetas não está desse lado só: está dentro também da corporação. É nela, mais que alhures, que brotam os protestos contra a asfixia da repetitividade, mas é nela, mais que alhures, que se formam as correntes que tendem a fulminar o que não é poesia, indo mais perigosamente além, resolvendo ou ditando o que é poesia e quais os caminhos de obtê-la, exprimi-la, formulá-la. Às rotinas instauradas por inércia no corpo, melhor, no módulo fundamental dessa coisa sem a qual o homem não é homem — a tradição —, àquelas rotinas, reais e atuais, opõem-se rotinas potenciais. (É temeridade usar da palavra “tradição”, que se instaura como condição humana de humanização do homem pelo homem, numa transmissão acumulada de saberes e fazeres acrescentáveis, quando a pobrezinha é colateralmente usada como instrumento político de conserva e perduração do caduco e da coonestação do superado pela própria tradição. Fique, porém, o esclarecimento.) Medievalmente, continuam poetas e poetas-críticos a patrocinar, perante seus congêneres e perante seus conviviais leitores aliciados, certo só (são várias é óbvio, cada uma, porém, a só verdadeira) deriva de poesia. Não se trata, sejamos precisos, de prescrever electuários ou preceptuários; mas há, por contrapartida, formulários: proscrevem-se formas, fôrmas, temas, problemas, conteúdos, processos, recursos, relações, meios, fins; mostra-se que poesia se obtém assim ou não-assim; que certo tipo de poesia pertence ao passado; que certo tipo de poesia é espúrio; que a poesia do presente e do futuro só pode ser segundo certa tendência que buscam provar haverem descoberto no presente, a fim de que ela possa ser do futuro; que a poesia como coisa feita, objeto, arte, produto, criação, visão do mundo totalizante, catarse, utopia, protesto, anseio, desejo, voto, esperança, compreensão, apreensão, antenação, tendência, vivência, existência, essência, crença, convicção, dúvida, heterodoxia, é coisa caduca; que ser ou aspirar a

ser poeta é caduco; que, em suma, o poeta é o *Ersatz*, o que faz algos que não encerram nada daquilo, pois são coisas que não são coisas, pois são a formalização de incoerências que são o só seu conteúdo, relações de irrelações, zero vetoriado no infinito potenciado ao infinito, através de sinais sensuais (por ora visuais, por impotência dos *media*; como êstes se enriquecerão, em breve os outros sentidos se ensaiarão, até o nirvânico do sinestético umbilical telepático insubjeto e inobjeto).

(Opositivamente, os galos cantam pré-manhãzinha; e o nosso galicínio é objeto de especulações, lindíssimas aliás, de se, ocorrendo horas antes da aurora solar, não encerra no âmago da espécie a hora dos fusos horários de origem...) Opositivamente, no Brasil como no mundo, segundo a enorme degradação cultural que nos dão os estratos sociais (ah! as palavras proscritas!), a poesia continua em rimances, histórias, estórias, trovas, canções, versinhos de escola ou pra namorada (ainda os há?), epopeias, odes, epodos, rapsódias, gestas, e essa coisa que — por inominável — se chama poema.

Ora, o que parece admirável (não é, pois é vital) é que, malgrado os muitos pólos figurados acima, haja poetas que, conhecendo êsses pólos e podendo (como capacidade artesanal) aderir a algum ou alguns dêles, procurem exprimir-se sem adesões de correntes ou escolas, e sem deixar de sofrer-lhes alguma influência (pois o poeta sofre tôdas e tudo, na medida do seu alerta). Êsses obstinazes autônomos se capacitam talvez (não saberia dizer por que vias) de que a única regra eterna em poesia é a que deve ser cumprida: uma eterna que é a sua própria negação, pois que feita de duas realidades absolutamente irrepêtitivas e irrepêtitíveis: a realidade objetiva e subjetiva e interativa mesma, perpêtuamente móvel a engendrar emergentes, potencializantes e atualizantes, e a linguagem, perpêtuamente aberta a dizer o inédito, o inaudito, os futuríveis, os impossíveis, com o que o seu código e sistema jamais são fechados e jamais tão abertos que sejam a própria negação do intersubjetivismo. A única afirmação que parece válida é que a poesia apresenta hoje em dia espectros ou pólos insuspeitáveis no século XVIII, insuspeitados no século XIX, insuspeitando no século XX, insuspeitados no século XXI. A essa afirmação poder-se-á acrescentar uma segunda: os espectros e pólos da poesia hoje em dia vão desde expressões no tempo, crônicas, a expressões fora do tempo, acrônicas, a expressões do tempo pretérito, anacrônicas, a expressões de tempo futuro, procrônicas, a expressões que neguem o tempo, ucrônicas. E o mesmo se diria em relação ao espaço, poesias tópicas, atópicas, protópicas,

utópicas, diatópicas, metatópicas. E o mesmo com relação à física, à mimese, à ergia, à lógia, à patia: afísica, anafísica, profísica, ufísica, diafísica; amimética, anamimética, promimética, umimética, diamimética, metamimética; anérgica, ananérgica, proérgica, unérgica, dianérgica, metanérgica; alógica, analógica, prológica, ulógica, dialógica, metalógica; apática, anapática, propática, upática, simpática, empática, diapática, metapática — e os combinatórios que se quiserem.

Êste é um poeta já amadurecido na faina diurna de poetar — pertence àqueles que têm um saber de experiências feito, o único que concilia teorias e prática, pois esta é ainda (quando não o será?) o critério da verdade.

Ponho-me a imaginar algumas coordenadas que me levam a intuir algum sentido — não um claro sentido. Carlos Nejar nasceu em Pôrto Alegre, de cêpa levantina, em 1939. Fêz-se advogado, é promotor público e professor secundário, em São Jerônimo. Já publicou quatro livros de poesia — *Sélesis* (Ed. Globo, 1960), *Livro de Silbion* (Difusão de Cultura, 1963), *Livro do tempo* (Champagnat, 1965) e *O campeador e o vento* (Ed. Sulina, 1966). Que é que faz que êsses “turco”-brasileiros, já em primeira geração — como tantos outros que eu poderia citar e nos quais (i) modestamente me incluo — sejam ou tão polarmente avessos à linguagem (quando em geral prosperam no comércio, indústria ou... jornalismo), ou (ainda quando cristãos: maronitas, greco-ortodoxos, e os vindos raro não o são) tão, quase corânicamente, adictos a ela? Sua função social no nosso meio, como mascateantes esparzidores de mercancias por todos os confins pátrios, já foi objeto de um belo ensaio de ilustre gaúcho. Sua vocação miscigenante com a massa brasileira também — e, em segunda geração, o que lhes resta do passado é um talvez vestígio de orgulho étnico, um prazer gastronômico para com certos pratos que tendem a vulgarizar-se entre nós e, ademais, êsse algo ligado à língua, ou oposto a ela, que dêles faz ou péssimos usuários consuetudinários, ou razoáveis teóricos de suas formas, ou até, por vêzes, escritores que acrescentam algo ao nosso meio. Carlos Nejar está por certo entre os do último caso — e como poeta, o que o singulariza, pois poetas dessa ascendência temos ainda tido uns poucos apenas.

A leitura de sua obra, a releitura e a degustura dão-nos motivo para certos otimismo. O primeiro refere-se a êsse fato notável — o de, já de há alguns anos, a vinda para a capital cultural (que já não temos; temos várias) não é condição para conhecimento do que acontece no mun-

do das letras. Essa aristocrática república, ela pelo menos, democratiza-se e está em todos os recantos: no Nordeste, com foros quase autônomos ou pelo menos autógenos no Ceará, na Paraíba, em Alagoas, em Pernambuco e além; na Bahia; no Espírito Santo; Minas e São Paulo vão ao requinte, principalmente a primeira, de terem escolas localistas universalistíssimas (Cataguases, Divinópolis, por exemplo). E assim por diante. O segundo refere-se à quase total ausência de defasagem: os poetas dêsses recantos embebem-se na circulação universal, estão dentro da grafosfera terrestre, e podem aderir aos -ismos que quiserem, pois dêles têm conhecimento.

Em Carlos Nejar isso é patente. A matéria-prima de suas elaborações é de primeira mão, porque é a vida, mais dos outros em que se inclui a sua, do que a sua em que a dos outros se espelharia; mas é também (e nisso vai mérito) de segunda, terceira, quarta, *n* mãos, porque recua ao conhecimento de poesias pregressas e está a par dos experimentos presentes. Entretanto, sem filiar-se a um -ismo (impossível qualificá-lo a êsse respeito), ela se apresenta informada, seletiva, aberta e despreconceituosa. Verse-lhe-á, por isso, ora aqui, ora ali, ora acolá, uma influência: mas é natural, e bom, que assim seja: não há rio sem fonte, ou fontes, ou tributários, ou afluentes. O que nêle não há é o pastiche, a tentativa de molhar leite ou talvez já inundado e ainda corrente.

A prática lhe tem aumentado densidade e rigor. De maneira que os livros seus se vêm sucedendo em crescendo qualitativo, situando a sensibilidade gaúcha — e suas afinidades psíquicas beduínas ou nomádicas ou daruesas — no quadro físico de uma natureza e sociedade que, com terem tanta côr local, nem por isso é vista em exotismos fáceis (é sempre usuário da língua comum, explorada não raro, quando a mentação o quer, em recursos anormativos).

O que, porém, marca o poeta Carlos Nejar são dois traços que cumpre ressaltar: de um lado, a fluência e variedade rítmica, e a sabedoria da repetição (aliterante, assonante, cognata, refranesca, eventualmente rimante, anafórica), que dá ao corpo poético potencialidade mnemônica de nova rapsódia. Mas, substancialmente, o outro lado é mais poderoso. Carlos Nejar postula desde cedo uma ética, que atinge, nestas *Danações*, o ápice. Ética, moral — de onde vem ela e como se insere ela em poesia, sem o risco de ser didática, setenciosa, acaciana ou victoriana? Creio que provém do orgulho humilde, ou da humildade orgulhosa, do fraco forte consciente que se rebela e insurge contra o forte inconsciente, seja êle natureza, Deus,

Diabo ou Sociedade. Há algo de podre no reino da Dinamarca. Mas isso — que é universalmente óbvio: Dinamarca, Danamarca, Mundidina, Mundi-dana — não lhe suscita ambigüidades hamletianas, nem, opositivamente, asserções partidárias; leva-o — e já é muito — a revelar-nos a potência do protesto, mesmo que sem seqüela, pois só êle, reiterado, se fará Verbo.

Êste é, assim, um livro ascendente, numa poética que é, pelo consenso de muitos gaúchos, das mais representativas dos nossos pampas de hoje em dia. É, assim, poderosamente brasileiro e universal. E prenuncia novos cantos — pois *Danações* abrem um ciclo em que o social pervade e pede novos cantos, ao cantor que já soube cantar (episòdicamente) de amôres, freqüentemente de buscas e perdições, e que, com neoprofetismo, se faz vindicativo e anunciador:

Nada sou, nada tenho,
senão o que me exime
do veneno

e

Assim resisto

pois

Vivo explosivo, áspero
mas vivo
E sou meu próprio alvo

e

O que sou
é dar socos
contra facas quotidianas
E é pouco

porque

Baixai-me, se o quiserdes,
com nojo.
Também na morte
preciso de vosso engôdo.